



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE PEDAGOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EQUIPE N.º 389

1º semestre 2015

Alline Marangoni Romeros, Elaine Rodrigues Chaves, Elisabete Carbonaro Policarpo, Gisleine Papellás
Silva e Joelma Correia da Rocha.

Prof.ª Orientadora Dr.ª Maria Marcia Mariani Guirardi

**PROJETO EDUCAÇÃO NO CAMPO E A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO E DA
APRENDIZAGEM**

1. APRESENTAÇÃO

O nosso contexto de pesquisa envolve uma escola localizada no campo organizada de forma multisseriada. A unidade escolar é pública e conta com uma professora polivalente, responsável pela alfabetização de uma turma, na qual estão matriculados cinco alunos do primeiro ano, três alunos do segundo ano, três alunos do terceiro ano, dois alunos do quarto ano e dois alunos do quinto ano do ensino fundamental.

A escola apresenta características que inicialmente podem nos remeter a muitas dificuldades. Sem dúvida, as condições materiais interferem na dinâmica escolar, porém, um trabalho docente comprometido politicamente pode gerar uma educação de qualidade. A escola, da qual estamos tratando possui poucos recursos materiais, apenas lousa, giz, algumas carteiras e cadeiras, TV e aparelho de DVD; os alunos não têm acesso à internet, nem contato com canais televisivos, tanto na comunidade, quanto na escola. As notícias chegam apenas pelos rádios. A docente é responsável pela apresentação de outros recursos como jornais, revistas e DVD's.

As condições de saneamento básico são precárias assim como as de infraestrutura. A escola não conta com órgãos colegiados e 15% dos alunos não foram alfabetizados plenamente. Eis o desafio! Pensar sobre as metodologias de ensino com vistas a desenvolver um trabalho pedagógico que culmine com a alfabetização dos discentes e refletir sobre o significado da atividade docente no campo.

2. JUSTIFICATIVA

A educação brasileira pública apresenta diversos problemas, entre os quais, o mais agravante é o atraso na alfabetização e na formação de leitores; quando falamos em educação no campo, esse problema fica ainda mais evidente.

O fato é que a grande maioria dos professores culpa a multisseriação pelo fracasso na educação rural. Por esse motivo, esse trabalho visa apresentar um projeto que envolva toda a sala de modo a trazer resultados positivos no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

O projeto baseia-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais visam responder

aos problemas no Ensino Fundamental a fim de adequá-los aos ideais democráticos na busca de uma melhoria na qualidade de ensino no Brasil.

Os PCN apresentam referências curriculares, as quais são flexíveis e devem promover discussões e reflexões dentro de sala de aula de acordo com a necessidade e a realidade em que a escola está inserida, com o objetivo de trazer eficiência à educação escolar, garantindo aos estudantes uma educação básica de qualidade em todo território nacional, de modo a promover acesso aos conhecimentos necessários para a integração dos alunos na sociedade como cidadãos críticos, conscientes, responsáveis e atuantes (BRASIL, 1998).

O presente projeto pretende promover integração entre os alunos da classe multisseriada, através de um trabalho em conjunto com tema ligado a realidade da região onde está inserida a escola, de forma que todos aprendam e se desenvolvam de acordo com sua idade, série/ano e nível de conhecimento atual.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

O presente trabalho visa desenvolver um projeto didático no qual toda a classe esteja envolvida, de modo que os alunos de idades, séries/anos e níveis de conhecimento diferentes aprendam a ler e a escrever em contextos de estudo.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Escrever ortograficamente correto;
- Interpretar e produzir de textos;
- Ter habilidades e competências leitoras e escritoras.

4. PÚBLICO ALVO

O projeto destina-se aos 15 alunos do ensino fundamental de uma classe multisseriada de uma escola pública rural, que apresenta diversas dificuldades estruturais e de recursos.

5. METAS

O Projeto visa alfabetizar os alunos que estão com dificuldades na leitura e escrita, a fim de atender o compromisso firmado pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Essa meta deve ser concluída nos seis primeiros meses do ano letivo de 2016 e pretende atingir 100% dos alunos que não foram alfabetizados plenamente.

Além disso, o projeto pretende englobar toda a classe de forma que os que já possuem habilidades leitoras e escritoras possam se aprimorar. Neste sentido iremos trabalhar a ortografia, interpretação e produção de texto, formando assim leitores e escritores capazes de serem críticos e reflexivos sobre os variados temas que serão apresentados no decorrer da vida deles.

Para isso, iremos avaliar continuamente os alunos e suas evoluções através de observações e registros e se preciso as estratégias serão analisadas e modificadas durante o projeto.

Ao final do projeto em junho de 2016, pretendemos atingir 100% dos alunos da sala, com atividades diversificadas que os envolvam, diferentes estratégias e que atendam às necessidades específicas de cada aluno.

6. METODOLOGIA

Considerando os objetivos do estudo e a questão de desenvolver um projeto pedagógico com os alunos de uma sala multisseriada do campo, optamos pela revisão bibliográfica na busca de estudos e autores que já contemplaram o tema.

A pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, do tipo descritivo, pois iremos analisar os fenômenos sem, entretanto, entrar no mérito do seu conteúdo. Assim não há interferência do autor, que apenas busca desenvolver suas ideias com as referências de outros estudiosos (THOMAS e NELSON, 2002).

Iremos montar um projeto denominado “Enciclopédia dos Animais”. Escolhemos essa proposta, pois leva em consideração o ambiente em que os alunos estão inseridos e por já conhecerem muitos animais rurais, pois moram no campo. Desta forma, acreditamos no significado da aprendizagem.

Para tanto o projeto terá duração de seis meses e será dividido em seis etapas e ao final esperamos atingir nossas metas. Embasar-nos-emos em autores e em outros projetos já aplicados em situações semelhantes.

Para início da pesquisa a divisão de responsabilidade se dará da seguinte maneira: todos os alunos irão colher informações; os alunos do primeiro e segundo ano listarão os nomes dos animais; já os alunos do terceiro, quarto e quinto ano serão responsáveis por escrever as características desses animais, bem como as informações coletadas relevantes sobre cada espécie.

Todas essas informações serão passadas no final para fichas individuais de cada espécie e trabalhadas em alguns momentos em atividades individuais e outras coletivas.

Depois de realizada a pesquisa, trabalharemos a lista de animais em sala, sejam em forma de ditados, leituras de livros referentes ao animal, assistindo DVDs, reportagens, com todas as atividades ligadas ao tema, lembrando sempre que a professora será a mediadora do processo e dessa maneira, responsável pela aquisição de materiais, caso haja necessidade.

Além disso, iremos trabalhar em conjunto envolvendo toda a sala, porém as atividades nem sempre serão as mesmas para todos, pois estaremos respeitando a individualidade em que cada criança se encontra e os demais conteúdos que estão sendo estudados paralelos ao

projeto.

Devido aos poucos recursos contidos na escola, todos deverão procurar na comunidade materiais para pesquisa, desde livros e revistas até visitas a algum órgão ou ONG que trata do assunto.

No final do projeto espera-se que os alunos do primeiro e segundo ano sejam alfabetizados e o restante dos alunos melhorem sua escrita e leitura.

7. ETAPAS DE REALIZAÇÃO

Etapa 1: sondagem e apresentação da proposta para os alunos com leitura do livro “Animais da nossa terra” da autora Márcia Riederer.

Primeiramente, estaremos investigando o que os alunos já sabem, diagnosticando em qual hipótese alfabética se encontram, para darmos sequência às atividades propostas pelo projeto de forma individual.

A apresentação do projeto será feita através de roda de conversa, levantamento de questões e leitura do livro. Nesse momento, todos os alunos serão envolvidos de forma coletiva.

A atividade de leitura do livro será mediada pela professora através de uma roda de história. Ela iniciará lendo, mostrando as ilustrações e, à medida que a leitura for acontecendo, fará questionamentos pertinentes e convidará os alunos para darem continuidade, com o objetivo da participação ativa de todos.

Assim como nos traz Carvalho (2004):

A leitura feita em voz alta pela professora é essencial para criar o entendimento, facilitar as trocas entre os alunos e provocar reflexões. A professora que lê para a turma “acorda” as histórias que dormem nos livros. Os alunos recontam essas histórias, aprendendo a perceber as diferenças entre língua falada e escrita. Esse trabalho é importantíssimo para a formação de leitores (CARVALHO, 2004, p.16).

Etapa 2: construção da lista de animais que os alunos conhecem/ convivem e a pesquisa de campo.

Os alunos terão que pesquisar nos materiais disponíveis em sala (revistas, livros) e os que já conhecem, a fim de confeccionarem uma lista individual de animais, para reflexão e trabalho em equipe com todos os envolvidos no projeto.

A pesquisa de campo também será utilizada para a construção da lista, pois o que o aluno não souber e o que não for encontrado nos materiais disponíveis na escola deverá ser pesquisado na região que mora, coletando informações dos moradores, órgãos e/ou ONG da sua cidade.

Etapa 3: atividades diversas – ditados, produção e interpretação de textos e leitura.

Nessa fase iniciaremos as atividades em sala de aula usando os materiais coletados anteriormente. Para isso, iremos distribuir e trabalhar com diferentes estratégias as listas de animais que serão relacionados em uma única lista.

Nesse momento as atividades serão desenvolvidas ora em duplas, ora em pequenos grupos ou coletivamente, sempre levando em consideração as dificuldades e hipótese de aprendizagem de cada aluno.

Os ditados serão realizados pela professora, num primeiro momento, envolvendo não só a lista de animais mais outras palavras relacionadas com o tema principal, discussões e leituras.

Em outros momentos os alunos farão leituras em duplas e depois contarão para o grupo o que entenderam. Os ditados também poderão ser realizados em dupla ou grupo, pois nosso objetivo é explorar diversas formas dos alunos se motivarem e aprenderem de forma prazerosa.

Afinal, como nos cita Bartoni-Ricardo, Machado e Castanheiras (2010):

Estamos imersos em uma sociedade cada vez mais centrada na escrita. Devido a essa realidade, não é suficiente apenas aprender a ler e a escrever. É preciso que sejam desenvolvidas competências para usar a leitura e a escrita – daí surge o termo “letramento” (BARTONI-RICARDO, MACHADO E CASTANHEIRA, 2010, p.52).

A professora como mediadora estará todo tempo avaliando os educandos, e sua intervenção se dará quando necessário para que os objetivos do projeto possam ser alcançados de forma eficiente.

Etapa 4: construção da ficha individual de cada animal e cartazes sobre a preservação.

A professora irá apresentar aos alunos a ficha que deverão preencher com os animais estudados da lista inicial. Essa ficha será realizada por todos os alunos em grupo, cada qual com suas responsabilidades (modelo da ficha em anexo).

Segundo Dubeux, et. al. (2012):

É interessante observar que a ficha é uma tabela. Desta forma os alunos estão sendo familiarizados com uma disposição gráfica bastante utilizada para a exposição resumida de informações. Contas de luz e dosagem de remédios, por exemplo, são apresentadas desta forma. Trata-se de um dos recursos gráficos extremamente comuns na área das ciências naturais e da matemática. Lembramos que a alfabetização em seu sentido amplo precisa considerar as diferentes formas de comunicação de uma informação e a leitura de tabelas, quadros e colunas faz parte deste aprendizado (DUBEUX, et. al., 2012, p.20).

Além disso, serão realizados cartazes pela turma, para serem expostos na escola, explicando a importância dos animais e sua preservação para o meio ambiente.

Etapa 5: finalização e confecção da “Enciclopédia dos Animais”.

Destacamos que o projeto didático desenvolvido proporcionará o contato e estudo de gêneros textuais diversos, de modo que os alunos tanto explorarão os textos a partir das suas funções e usos sociais, como também discutirão ideias e organizarão as informações estudadas. Tais fatores poderão favorecer a incorporação dos alunos à comunidade de escritores e leitores proficientes.

Após concluídas as fichas será usado um fichário para acomodação das folhas e assim, como nas outras etapas, todos terão participação efetiva no processo. A enciclopédia ficará na unidade escolar para possíveis consultas dos próprios alunos ou outros interessados.

Nessa etapa as fichas já terão sido revisadas e corrigidas pela docente, assim como o acompanhamento e avaliação de forma contínua em todo o processo de desenvolvimento como já explicado nas etapas anteriores.

Etapa 6: sondagem final.

Essa etapa servirá de avaliação individual de cada aluno, visando averiguar o conteúdo aprendido e as possíveis mudanças de hipóteses alfabéticas as quais serão desenvolvidas no próximo semestre.

Essa sondagem tem como objetivo analisar como um todo o projeto que foi desenvolvido no semestre e embasará novos projetos a serem propostos.

8. RECURSOS**8.1 HUMANOS**

O projeto conta com a participação de uma professora polivalente, mediadora do processo de

ensino aprendizagem, junto a uma turma de quinze alunos, sendo os mesmos de faixas etárias e níveis de escolarização diferentes. Conta também com o apoio da comunidade rural na qual a escola está inserida, pois os alunos realizarão pesquisa de campo no decorrer do projeto.

8.2 MATERIAIS

Os recursos humanos serão os materiais disponíveis na escola, sendo: livros, revistas, TV e aparelho de DVD. Os materiais específicos como filmes, revistas e livros que tratam diretamente do assunto abordado ficarão sob a responsabilidade dos alunos e da professora.

O projeto contará também com recursos disponíveis na comunidade que serão colhidos pelos alunos, através de entrevistas e pesquisa de campo.

9. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO DIDÁTICO

Atividade:	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO
Sondagem, leitura do livro "Animais da nossa terra" e apresentação do projeto.	ETAPA 1				
Construção da lista de animais que os alunos conhecem ou convivem e a pesquisa de campo.		ETAPA 2			
Atividades diversas: ditados, leitura, produção e interpretação de textos.			ETAPA 3		
Construção da ficha individual de cada animal.				ETAPA 4	

Finalização e confecção da "Enciclopédia dos Animais".		ETAPA 5
Sondagem final.		ETAPA 6

O mês de janeiro não aparece no cronograma por se tratar de um mês que geralmente são férias escolares no Brasil.

10. AVALIAÇÃO DO PROJETO DIDÁTICO

A avaliação será realizada de acordo com os objetivos propostos e as metas, de forma processual, pois durante todo o projeto estaremos avaliando os alunos através das diferentes atividades solicitadas: coleta de dados, ditados, produções de textos, apresentações, cartazes, exposições e debates.

É importante lembrar que as avaliações devem sempre reportar aos objetivos propostos, para que o foco do trabalho não seja perdido ao longo do seu desenvolvimento.

Dessa forma, ela será contínua, pois irá avaliar cada etapa do projeto e serão usadas outras estratégias e atividades quando a professora sentir necessidade, pois o projeto deve ser bem elaborado e contar com diferentes estratégias, porém é flexível e se necessário às atividades serão modificadas durante a execução do projeto.

Avaliar dessa maneira permite acompanhar a construção do conhecimento, identificar eventuais problemas e dificuldades e corrigi-los antes de avançar.

11. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A heterogeneidade está presente na vida dos estudantes, afinal somos únicos e temos cada

qual sua individualidade que deve ser levada em conta no processo ensino/aprendizagem, assim como o lugar que o discente está inserido e sua experiência de vida.

O que ocorre é que muitas escolas ainda estão pautadas no modelo tradicional, com o professor como detector de conhecimento. O aluno acaba sendo prejudicado, pois todos na turma são submetidos às mesmas explicações, mesmas atividades e uma mesma prova que irá aprová-los ou reprová-los. Um ciclo que se repete todos os anos como um padrão.

Na escola estudada esse padrão não deve ser seguido, pois se os autores nos relatam que o modelo tradicional não surte bons resultados em salas onde todos possuem as mesmas idades, podemos imaginar o caos que se tornaria numa sala multisseriada.

Assim, como nossa escola está localizada no campo, optamos por trabalhar com projeto, pois envolve toda a turma e a professora tem um papel de mediação durante todo o processo, com intervenções construtivas quando necessário.

É direito das crianças brasileiras se alfabetizarem até os oito anos de idade, porém muitas chegam ao final do ciclo com dificuldades leitoras e escritoras. A maior dificuldade encontrada em sala pelo docente é identificar as dificuldades de cada aluno e trabalhar com todos ao mesmo tempo (LEAL, LIMA E MESQUITA, 2012).

Se entendermos o que cada aluno já sabe e soubermos escolher as melhores opções didáticas para cada um deles, teremos percorrido um longo caminho na nossa profissionalização. Se, além disso, soubermos atuar com todos ao mesmo tempo, atendendo as diferentes demandas e auxiliando-os, teremos construído um belo perfil de professor (a) alfabetizador (a) (LEAL, 2005, p. 91 apud MORAIS e LEITE, 2012, p.10).

Dessa maneira, nosso trabalho tem um embasamento teórico e fundamentado, afinal, os autores estudados defendem o professor como mediador e uma aprendizagem que envolva todos com diferentes estratégias e de forma significativa, levando em consideração o meio em que o aluno está inserido e as expectativas esperadas tanto nos PCN (Parâmetros Curricular Nacional) quanto no PNAC (Pacto Nacional pela Idade Certa).

O ideal é que ao início do ano a professora realize uma atividade que seja capaz de envolver todos os alunos e que ela possa avaliar e perceber em qual nível cada um se encontra, para que assim possa ajudá-los segundo suas necessidades e avançar com toda a turma respeitando as individualidades. A avaliação deve ser contínua e com diferentes tipos de atividades.

Assim, segundo Onrubia (1996) apud Morais e Leite (2012), o ensino deve ser um “ensino ajustado”; pressupõe, então, que os professores diagnostiquem os conhecimentos prévios dos alunos e formulem atividades que constituam desafios adequados. Isto é, no caso da alfabetização, para poder avançar no domínio da língua escrita ou de suas convenções, uma atividade não deve ser “fácil”, ao ponto de o aluno poder resolvê-la, sem ter que reconstruir seus saberes prévios. Por outro lado, não pode ser tão complexa que se torne um desafio impossível.

Segundo Vygotsky (1984) apud Morais e Leite (2012) e os teóricos da cognição social, sabemos que as crianças se beneficiam quando desenvolvem, conjuntamente, uma atividade com alguém que sabe mais que elas e que o fato de poder compartilhar com seus pares pontos de vista e soluções diferentes (das que adotariam sozinhas) é um grande motor de desenvolvimento.

Dessa maneira, o trabalho em classe multisseriadas, foco de nosso estudo, deve basear-se na experiência de cada um para uma contribuição no aprendizado do coletivo, respeitando as individualidades, porém com a perspectiva de crescimento de cada faixa etária.

Além disso, com o trabalho em grupo, os alunos conseguem avançar com a ajuda dos outros, pois tratam as problemáticas de forma coletiva com diferentes aspectos que não ocorrem nas atividades individuais, além de trabalhar o trabalho em equipe, a comunicação e cooperação.

É importante, portanto, que o aluno tenha várias formas/estratégias para aprender, pois se não entender de uma forma possa entender de outra. Com isso, é essencial que desenvolvam atividades em grupo, duplas, pequenos grupos e individuais.

A professora deve estar atenta às relações das crianças, assim, no dia-a-dia será capaz de identificar aquelas que podem ficar juntas, pois são produtivas ou aquelas que não podem ficar juntas, pois só brincam.

Ao trabalhar com projeto didático o professor levará em consideração alguma temática que visa ser importante, principalmente pelo meio em que a turma que está lecionando esteja inserida. Além disso, esses temas podem ser relevantes a alguma situação em que estejam passando e pode ser pesquisada com a própria comunidade.

Nós escolhemos animais, pois como os alunos moram no campo o contato com eles é constante e fazem parte do seu cotidiano.

Quando se trabalha com projetos não se impõe ao professor trabalhar apenas com esse tipo

de organização, pois ele tem autonomia e deve mesclar outras formas de estruturas durante o ano letivo (LEAL, LIMA E MESQUITA, 2012).

Assim, nosso trabalho terá duração de seis meses, seguirá o cronograma proposto, porém a professora não trabalhará apenas o projeto, terão momentos e atividades voltados para ele que serão distribuídos e organizados levando em consideração os outros conteúdos.

Para Nery (2007, p.119) apud Leal, Lima e Mesquita (2012, p.21) o projeto didático é uma modalidade de organização do trabalho pedagógico e:

[...] prevê um produto final cujo planejamento tem objetivos claros, dimensionamento do tempo, divisão de tarefas e, por fim, a avaliação final em função do que se pretendia. Tudo isso feito de forma compartilhada e com cada estudante tendo autonomia pessoal e responsabilidade coletiva para o bom desenvolvimento do projeto (NERY, 2007, p.119 apud LEAL, LIMA E MESQUITA, 2012, p.21).

Em todo esse processo de aprendizagem o professor deve estar mediando as ações. Vários componentes curriculares serão contemplados ao longo de seu desenvolvimento, porém não é necessário que todos eles sejam contemplados. Quando trabalhamos com projetos relacionamos vários componentes curriculares (interdisciplinaridade): trabalha-se autonomia, cooperação, socialização, cultura e vivências que o discente levará para sua vida em sociedade.

Ao longo do trabalho poderão surgir dúvidas ou situações-problema que não se esperavam; através desse tipo de situação o professor deve mediar e trazer novas estratégias e atividades para ajudar e não desmotivar a turma.

A sequência didática pode ou não ter relação com o projeto didático; a diferença é que o primeiro é mais centrado e específico do professor e o segundo é mais aberto, com planejamento coletivo (LEAL, LIMA E MESQUITA, 2012).

Ela pode ser bem variada e envolver diferentes tipos de atividades, inclusive mais lúdicas, o importante é que seja desafiadora e motive as crianças.

Segundo Oliveira (2012) apud Moço (2012): “Lidar com as diferentes fases de aprendizagem

não é empecilho. Tenho a convicção de que é na interação que as crianças aprendem de fato”.

Quando pensamos em planejar em classe multisseriadas, é essencial monitorar os diferentes níveis de aprendizagem, para um maior direcionamento das atividades seguintes, com vivências diversificadas. O aluno deve ter participação efetiva na construção do seu conhecimento, inclusive sendo capaz de se avaliar dentro do processo de aprendizagem (LEAL, LIMA E MESQUITA, 2012).

A proposta didática de nosso trabalho com a turma multisseriada de uma escola de campo tem entre seus objetivos formar leitores e escritores proficientes, para tanto, em todo o curso do projeto, nossos alunos estarão trabalhando com produção de textos.

Segundo Magalhães et. al. (2012, p.9), a produção de textos no primeiro ano pode e deve acontecer de forma espontânea. Desde a primeira semana de aula o aluno deve ser incentivado a produzir textos, sejam textos grandes ou pequenos, conhecidos ou não, dependendo sempre da proposta passada pelo professor.

Conforme afirmado por Magalhães et. al. (2012, p.9) “levar a criança a escrever ‘do jeito que acha que é’ é uma maneira de incentivá-la a buscar estratégias para colocar no papel o que quer informar ao seu leitor”.

Considerando esse contexto a professora terá o papel de revisora dos textos produzidos, mostrando aos alunos que existem regras de escrita, as quais serão aprendidas no decorrer do projeto e no decorrer de sua vida.

Acreditamos que o fato do aluno não ter o costume de escrever, não está relacionado ao fato de não saber ler convencionalmente, mas sim ao fato de ser pouco utilizado dentro de sua comunidade ou família.

Deve a escola promover o gosto pela escrita e pela leitura, gosto esse que será verdadeiramente inserido nos alunos, quando os textos produzidos contiverem um objetivo e um destinatário. Escrever somente para ser corrigido é um exercício que não traz motivação para novas escritas; por esse motivo acreditamos que a proposta que será apresentada irá motivar e envolver a turma.

A produção de texto poderá acontecer de diferentes maneiras: individual, duplas ou coletivamente, tendo a professora com um escriba, o qual irá ensinar seus alunos as diferenças entre a linguagem oral e escrita, a organizar as ideias, a importância de ler o que se escreveu, a desenvolver estratégias e se colocarem como escritores.

Ao trabalhar em grupo, as crianças interagem, trocam informações e resolvem conflitos, favorecendo a participação e ainda auxiliando a confrontação de hipóteses e negociação de escrita, auxiliando uns aos outros em suas reflexões (na escrita e organização de ideias).

Concomitantemente nossa proposta irá desenvolver a oralidade e gêneros textuais. O trabalho com a linguagem oral deve ser planejado e organizado assim como os demais eixos do ensino e aprendizagem do Ciclo de Alfabetização. O professor deve ensinar os seus alunos levando em conta que fazemos uso da oralidade na sociedade, através de atividades sistemáticas que envolvam gêneros orais, como: apresentação de trabalho, entrevistas etc.

A prática de oralidade é um instrumento necessário não só para a vida escolar, mas também, para a vida em sociedade, que proporcionará uma formação visando o exercício da cidadania.

De acordo com Magalhães et. al. (2012, p.9):

Alfabetizar na perspectiva do letramento também é compreender que se ensina para que as crianças que sejam sujeitos capazes de expor, argumentar, explicar, narrar, além de escutar atentamente e opinar, respeitando a vez e o momento de falar (MAGALHÃES et. al. 2012, p.9).

A escola desempenha o papel de instituição social responsável pela sistematização dos saberes. No caso da oralidade, fornece ao aluno o domínio da norma linguística, o que se considera um prestígio, sem desconsiderar a particularidade de cada aluno, afinal toda língua é constituída de diferentes modos de dizer, uma mais prestigiada do que outras, não sendo uma questão linguística e sim de uma questão social, econômica etc.

Segundo Dubeux et. al. (2012, p.9), o ensino da língua materna é a compreensão e produção de textos. Partindo deste ideal do Plano Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, é que nosso projeto toma forças para ir além do ler e escrever, e transformar os alunos em leitores e escritores proficientes.

Dentro desta perspectiva, nossos alunos aprenderão gêneros textuais, ao trabalhar com interpretação e produção de textos; fatores linguísticos, sociais e culturais seguem a mesma direção de modo que não podemos separá-los. Os participantes do processo de interação feito por meio da linguagem precisam ter o domínio da mesma língua e compartilhar as situações e formas como os discursos se organizam, considerando seus propósitos de usos e os

diversos contextos sociais e culturais em que estão inseridos. (SANTOS, MENDONÇA e CAVALCANTE, 2006 apud DUBEUX et. al., 2012, p.9).

Considerando essas afirmações, podemos concluir que a língua é uma ação social, dentro de um contexto histórico, que representa a realidade. O texto, portanto, é o cenário de negociações e produções de múltiplos sentidos, que vão sendo produzidos em situações caracterizados pela cultura e pelo momento histórico no qual estão tomando formas e estilos próprios (DUBEUX et. al., 2012).

Segundo Dubeux et. al. (2012), os diferentes textos se assemelham porque se configuram segundo as características dos gêneros textuais disponíveis nas interações sociais.

Sendo assim, a comunicação verbal só é possível por meio de algum gênero que encontramos dentro dos textos e tomam formas variadas a fim de atender os propósitos do mesmo.

Para tanto os alunos precisam ler textos a fim de obter informações sobre o tema que está sendo pesquisado. Desta forma cria-se a possibilidade de utilizar gêneros de diferentes esferas sociais. Segundo Brandão, Selva e Coutinho (2006) apud Dubeux e Teles (2012, p. 14), a leitura de diferentes gêneros faz parte de qualquer projeto didático seja qual for a natureza ou foco do trabalho.

Quando falamos de gêneros textuais, estamos nos baseando em Schneuwly e Dolz (2004) apud Dubeux et. al. (2012). Gêneros textuais são instrumentos culturais disponíveis nas interações sociais. São historicamente mutáveis e relativamente estáveis. Emergem em diferentes domínios discursivos e se concretizam em textos, que são singulares.

Para melhor entendermos os gêneros textuais, vamos diferenciá-los dos tipos textuais que são a forma como o texto se apresenta, sendo: narração, descrição, dissertação (ou exposição) argumentação, informação e injunção. Diferentes dos gêneros textuais, os tipos textuais não possuem funções sociais definidas.

Cada sociedade traz consigo um legado de gêneros, e é desta forma que a comunicação acontece: compartilhando conhecimentos comuns. Ao escolher um projeto didático, é preciso identificar as características, os interesses dos alunos e da comunidade na qual a escola está inserida. Desta forma, identificaremos também o gênero textual que acontece dentro deste grupo.

Assim como as mudanças sociais, os gêneros se transformam, desaparecem, dão origem a outros e novos gêneros textuais vão se constituindo, em um processo permanente, em função

de novas atividades sociais. (DUBEUX et. al., 2012).

Segundo Dubeux et. al. (2012), através dos gêneros, a ação discursiva é, ao menos parcialmente, prefigurada para cumprir os objetivos definidos para certas atividades. As experiências prévias de interações permitem aos participantes da situação de comunicação específica chegar a um grupo de gêneros que possivelmente podem ser utilizados nas situações de interação.

Ao investirmos no ensino dos gêneros, estaremos facilitando a apropriação dos usos da língua. Entretanto existe uma multiplicidade de gêneros textuais e eles devem ser ensinados gradativamente. A proposta de Dolz e Schneuwly (2004) apud Silva (2012), é que essa progressão seja garantida por meio dos aprofundamentos dos objetivos didáticos.

Em nossa proposta didática não trabalharemos com apenas um único grupo de gêneros textuais, pois os alunos com dificuldades de lidar com os gêneros poderão encarar o ato da escrita como um obstáculo constante.

Koch e Elias (2009) apud Dubeux et. al. (2012), destacam que os gêneros textuais são diversos e sofrem variações na sua constituição em função dos seus usos. Explicando essa dinâmica de ampliação dos gêneros, as autoras apresentam como exemplos o e-mail e o blog que, como recursos recentes decorrentes do progresso tecnológico, são respectivamente transmutações das cartas e dos diários.

Para Dubeux et. al. (2012), o grande desafio para o ensino da língua portuguesa é trabalhar a diversidade textual na sala de aula, explorando de forma aprofundada o que é peculiar a um gênero textual específico, tendo em vista situações de uso também diversas.

Os alunos poderão desenvolver habilidades importantes para a apropriação de novos conhecimentos, sendo esse um procedimento importante quando se planeja uma prática voltada para o estudo de um gênero textual como destacam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) apud Dubeux et. al. (2012).

De acordo com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, é direito do aluno a produção e interpretação de gêneros textuais. O projeto didático escolhido busca atender às exigências citadas; ao trabalhar com o tema animais, estamos oferecendo a oportunidade dos alunos não somente de ler e escrever, mas produzir textos, bem como, gêneros e tipos textuais, além, é claro, do conhecimento que será adquirido ao estudarmos o tema, pois ele abrange toda a comunidade escolar.

Em síntese, é necessário que incentivemos nossos alunos à leitura e à escrita, pois estarão

presentes ao longo de toda sua vida; é através delas que o homem se comunica, tem acesso a informações, defende pontos de vista e produz conhecimento. A escola tem papel importantíssimo nessa formação, com responsabilidade para formação de pessoas críticas e reflexivas, capazes de exercerem sua cidadania efetivamente (SOUZA E LEAL, 2012).

ANEXO – Modelo de ficha individual de animais

Colocamos a ficha em anexo, para que tenham ideia de como será o modelo a ser trabalhado com os alunos em sala de aula.

Serão essas fichas que integrarão a “Enciclopédia dos Animais”.

ANIMAL: _____

CLASSE: _____

RAÇAS COMERCIAIS: _____

ALIMENTAÇÃO: _____

EXPECTATIVA DE VIDA: _____

CARACTERÍSTICAS: _____

CURIOSIDADES: _____



12. REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salette Flôres. **Formação do Professor como Agente Letrador**. São Paulo: Contexto, 2010. Disponível em: <<http://unimes.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572444774>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais (3º e 4º ciclos do ensino fundamental)**. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004. Disponível em: <<http://unimes.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788508094349>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

DUBEUX, Maria Helena Santos; CARVALHO; Ana Beatriz Gomes; TEIXEIRA, Francismar. Registro e análise da prática no Ensino Fundamental: os textos na sala de aula. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: o trabalho com gêneros textuais em turmas multisseriadas: educação do campo : unidade 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional**. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Educacao_no_Campo_Unidade_5_MIOLO.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2015.

DUBEUX, Maria Helena Santos; SILVA, Leila Nascimento da; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves. Porque ensinar gêneros textuais na escola? In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: o trabalho com gêneros textuais em turmas multisseriadas: educação do campo:**

unidade 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <
http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Educacao_no_Campo_Unidade_5_MIOLO.pdf
>. Acesso em: 18 mai. 2015.

DUBEUX, Maria Helena Santos; TELES, Rosilda. Organização do trabalho pedagógico por projetos didáticos. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento: projetos didáticos e sequências didáticas: ano 01: unidade 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional.** -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <
http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_6_MIOLO.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2015.

LEAL, Telma Ferraz; LIMA, Juliana de Melo; MESQUITA, Rui. Projetos didáticos: ações para aprender conceitos e para viver o campo. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: projetos didáticos e sequências didáticas na educação do campo: a alfabetização nas diferentes áreas de conhecimento escolar: educação do campo: unidade 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional.** -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <
http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Educacao_no_Campo_Unidade_6_MIOLO.pdf
>. Acesso em: 15 mai. 2015.

LEAL, Telma Ferraz; LIMA, Juliana de Melo; MESQUITA, Rui. Sequência didática: do macro ao micro da ação didática. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: projetos didáticos e sequências didáticas na educação do campo: a alfabetização nas diferentes áreas de conhecimento escolar: educação do campo: unidade 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional.** -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <
http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Educacao_no_Campo_Unidade_6_MIOLO.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2015.

MAGALHÃES, Luciane Manera; ARAÚJO, Rita de Cássia Barros de Freitas; ACHTSCHIN, Simone Borrelli; DE MELO, Terezinha Toledo Melquíades. Planejamento do ensino: alfabetização e ensino/aprendizagem do componente curricular - Língua Portuguesa. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: planejamento escolar: alfabetização e ensino da língua portuguesa: ano 1: unidade 2 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em:

<http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_2_MIOLO.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2015.

MOÇO, Anderson. Alfabetização, leitura e escrita em sala multisseriada. **Revista Nova Escola**. São Paulo, edição 249, jan./fev. 2012. Disponível em:<

<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/alfabetizacao-leitura-escrita-sala-multisseriada-677957.shtml>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

MORAIS, Artur Gomes; LEITE, Tânia Maria S. B. Rios. Direitos de aprendizagem, heterogeneidade dos aprendizes e atendimento à diversidade, no final do ciclo de alfabetização: diagnosticando e organizando as crianças na sala de aula. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: a heterogeneidade em sala de aula e a diversificação das atividades: ano 02, unidade 07 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em:

<http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_3_Unidade_7_MIOLO.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2015.

SILVA, Leila Nascimento da. Os gêneros textuais em foco: pensando na seleção e na progressão dos alunos. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: o trabalho com os diferentes gêneros textuais na sala de aula: diversidade e progressão escolar andando juntas: ano 03, unidade 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <

http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_3_Unidade_5_MIOLO.pdf>. Acesso: 02

jun. 2015.

SOUZA, Ivane Pedroza de; LEAL, Telma Ferraz. Relatando experiências: a diversidade textual em sala de aula. In: Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: o trabalho com gêneros textuais na sala de aula: ano 02, unidade 05** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_5_MIOLO.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2015.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de Pesquisa em Atividades Física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.